



PROBLEMATIZANDO OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES NO CONTEÚDO CIRCO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Gustavo de Mello Garcez¹; Aline Andrade Dos Santos²; Mateus Camargo Pereira³.

¹IFSULDEMINAS-Câmpus Muzambinho/MG, e-mail: gustavo.mega@hotmail.com;

²IFSULDEMINAS-Câmpus Muzambinho/MG, e-mail: alinexandrade@hotmail.com; ³IFSULDEMINAS-Câmpus Muzambinho/MG, e-mail: matunicamp@gmail.com;

RESUMO

O presente trabalho apresenta o relato de experiência de um grupo do subprojeto educação física do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O relato se propõe a apresentar as discussões feitas por nós “*Pibidianos*” sobre relações de gênero e sexualidade através do conteúdo circo, mais especificamente com atividades relativas à “corda bamba” e malabares, criando umas práxis para essas atividades. Com este trabalho tivemos o intuito de levar o tema para as aulas visando desconstruir generalizações e preconceitos quanto as sexualidades vigentes atualmente na nossa sociedade patriarcal moderna.

Palavras Chave: Educação Física, PIBID, Tendência Crítico-Superadora.

¹IFSULDEMINAS-Câmpus Muzambinho/MG, e-mail: gustavo.mega@hotmail.com;

²IFSULDEMINAS-Câmpus Muzambinho/MG, e-mail: alinexandrade@hotmail.com;

³IFSULDEMINAS-Câmpus Muzambinho/MG, e-mail: matunicamp@gmail.com;

INTRODUÇÃO

Este trabalho vem relatar as experiências de um grupo de intervenção organizado a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto educação física do IFSULDEMINAS – campus Muzambinho, em uma escola pública de ensino fundamental II, situada numa cidade do Sul de Minas Gerais. A intervenção foi pautada pela abordagem do conteúdo circo e os temas transversais gênero e sexualidade. Nossa intervenção é apoiada na Pedagogia Histórico-Crítica de Demerval Saviani (1999, 2008) e de um Coletivo de Autores da educação física proponente da tendência Crítico Superadora (SOARES et al, 1992) que é baseada na Pedagogia Histórico-Crítica. Para esta tendência, a

educação física trata da cultura corporal historicamente produzida e acumulada, sendo a aula um espaço de vivência e reflexão sobre ela. A ação pedagógica é organizada em três momentos: fase diagnóstica, fase judicativa e fase Teleológica. Ao longo do processo buscamos problematizar os papéis sociais culturalmente estabelecidos para os gêneros femininos e masculinos dentro da história e da vivência das práticas circenses, circunscritas aqui nos malabares e na corda bamba (Slackline). Na busca de novas elaborações sobre o conteúdo anunciado procuramos oferecer a possibilidade de debates francos e dotados de criticidade dentro da temática em questão, fazendo possíveis referências a contextos diários dos alunos, tanto no universo escolar, como na vida social local, familiar e social global.

Segundo Saviani (2008) é papel da escola é democratizar o conhecimento sistematizado e acumulado pelo homem ao longo dos anos para que só assim todos nós tenhamos a possibilidade de questionar os paradigmas sociais hegemônicos da sociedade capitalista. Para tanto julgamos o conteúdo circo uma importante produção humana ao qual nossos alunos possuem o direito de ter acesso. Quanto aos temas transversais gêneros e sexualidades nos parece obvio o fato de que não se pode falar em transformações sociais sem considerar as opressões que determinadas minorias sofrem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) além de ressaltarem a importância de se trabalhar as questões de gênero, delegam essa função à Educação Física por entender que tal disciplina em suas aulas propicia tais debates mais espontaneamente como podemos ver no trecho a seguir:

“No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias.” (BRASIL, 1997. p. 25).

Goellner (2010), referência sobre questões de gênero e sexualidade na Educação Física brasileira vem tratar essas questões conceituando as manifestações de Gênero e Sexualidade da seguinte forma:

“(…) masculinos e femininos, são construções sociais e culturais, esse processo continua durante toda a vida. Gênero difere do sexo biológico, homem e mulher. Sexualidade se refere à forma de vivenciar seus desejos e prazeres corporais com outras pessoas.”

Podemos encontrar também a discussão do tema no conteúdo circo através dos autores Bortoleto e Carvalho (2003 apud Bortoleto, 2008, p. 236):

“(…) a escola é um dos principais meios de transmissão e produção de cultura e, considerando o Circo como parte importante da cultura corporal podemos justificar a inclusão deste conhecido universo educativo como um conteúdo pertinente. Mais especificamente, como um conteúdo particular ao professor de Educação Física, responsável por para relevante da transmissão da cultura corporal”.

Observamos então após toda a discussão trazida até aqui que os temas transversais gêneros e sexualidades devem ser trabalhados na escola impreterivelmente, e que o conteúdo circo trata-se de um importante membro da família dos conhecimentos da cultura corporal historicamente produzidos, elaborados e acumulados pela humanidade.

MATERIAL E MÉTODOS

Nossa intervenção contou com 12 aulas de cinquenta minutos, mais especificamente nas 7^{as} e 8^{as} séries (uma turma de 7^a série e duas de 8^a). O período de realização dessas aulas foi o primeiro semestre de 2015. Os materiais utilizados nas aulas foram Slackline, fazendo alusão à corda bamba, e alguns dos malabares utilizados no circo: Bolinhas, lenços, argolas, swing poi e diabolô.

Nossa sequencia pedagógica baseou-se em 3 momentos. Na fase diagnóstica (3 primeiras aulas) pudemos observar o quanto nossos alunos conheciam sobre as práticas circenses além de buscarmos suas impressões quanto as questões de gêneros e sexualidades desdobradas nesse conteúdo. Já na fase judicativa (4^a a 10^a aula) buscamos gerar uma oposição histórica entre os papéis masculinos e femininos no ambiente circense para nossos alunos, através primeiramente de práticas propostas que visavam inclusão e participação de todas(os) e, posteriormente, confronto dessas com vídeos, fotos, pinturas e demais instrumentos que demonstram a definição do papel das masculinidades e feminilidades no Circo ao longo de sua trajetória histórica seguido de debates com grupos focais. E na fase teleológica (2 aulas finais) visamos promover um espaço de práticas livres dos conteúdos trabalhados, e observar as ações de nossos alunos após nossa intervenção, além disso entrevistas foram colhidas, e fotos e vídeos feitos, possibilitando assim nossa análise e avaliação posterior da eficiência em discutir as questões de gêneros e sexualidades de nossa proposta de intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Julgamos que contextualizar o conteúdo circo historicamente, demonstrando os papéis masculinos e femininos foi um grande instrumento para condução de nossos debates, facilitando a apropriação e elaboração desses conteúdos nas aulas.

Na fase diagnóstica obtivemos por parte dos alunos opiniões e demais expressões de forma mais sincrética, com pouca elaboração. Porém, sem restrições em fazer um comentário preconceituoso ou coisa do tipo. Podemos inferir então, que nessa fase, pelo fato dos debates ainda não terem sido feitos, os alunos não se preocupavam com tais questões. Já na fase judicativa pudemos encontrar diversas expressões e opiniões nos debates promovidos. A partir desse momento passa a existir uma maior preocupação sobre as questões de gêneros e sexualidades, mesmo que em alguns casos tenhamos tido exceções de alunos que não se importaram com isso. Julgamos então interessante demonstrar essas expressões/opiniões visando enriquecer o debate trazido por este trabalho, inscritas nas frases a seguir:

- _ “Os meninos não escolheram esse (swing poi) porque acham que é coisa de meninas”. (menina 1)
- _ “Os meninos podem brincar com o swing também, porque temos direitos iguais”. (menina 2)
- _ “Só os meninos escolheram o diabolô, é difícil, mais a gente tentaria aprender”. (meninas 1)
- _ “O swing poi é fácil pra meninos e meninas”. (menina 3)
- _ “Não vi menino com o swing poi”. (menina 4)
- _ “Escolhi o swing poi porque é mais legal que os outros, mais divertido”. (menino 1)
- _ “Teve meninas que não gostaram do diabolô”. (menino 1)
- _ “O diabolô eu não consegui fazer, esse aqui (swing poi) é mais fácil e eu não machuco ninguém”. (menino 2)
- _ “As meninas foram as que mais conseguiram gira o swing poi”. (menino2).

Podemos perceber discursos bastante difusos em relação ao conteúdo apresentado, e os diversos significados dados ao longo das aulas em constante troca com a história de cada elemento circense apresentado. Não foi por acaso que houve menor aderência de meninos no swing poi, nem tão pouco menor espaço para as meninas no diabolô. Vale ressaltar que este último foi extremamente aceito e desejado por todos. Durante a fase judicativa nossa postura foi sempre de identificar nas praticas das aulas essas contradições, motivadas por generificações, e posteriormente problematizá-las nos debates, objetivando assim desconstruir qualquer limitação por parte de alguém em fazer algo devido ao seu gênero e/ou sexualidade.

Por fim a fase teleológica pode nos demonstrar o que nossos alunos de fato reelaboraram seus conceitos sobre o conteúdo circo e suas manifestações para os mais diversos gêneros e manifestações sexuais. Nesse momento pudemos perceber de fato uma preocupação por parte da maioria em protagonizar coletivamente os espaços e objetos. Obviamente esse sentimento não atingiu a todos. Porém, o acesso a argumentos acerca do tema gêneros e sexualidades, e os respectivos direitos de cada um independentemente disso, principalmente por parte das meninas, e/ou meninos “afeminados” foi bastante satisfatório, nos fazendo crer que nossas intervenções surtiram um efeito bastante emancipador para a prática social destes alunos dentro de seus limites sociais.

CONCLUSÕES

Ao final desse relato dizer que as problematizações propostas por nossa intervenção foram apropriadas e serão colocadas em prática imediatamente na prática social de todos os envolvidos seria ingênuo da nossa parte. Porém, não podemos deixar de apontar que minimamente as discussões atingiram os alunos, representando senão uma mudança definitiva de suas práticas sociais, ao menos uma iniciação desse processo. Ressaltamos ainda por julgar conveniente que em uma das turmas (7º ano), nossos debates muniram em grande escala as meninas dessa turma que antes se submetiam a um ambiente machista em demasia, e a partir de nossas discussões, incorporaram boa parte de problematizações e

argumentos que veem questionar todos os paradigmas de nossa sociedade patriarcal.

Acreditamos ainda que os temas transversais gêneros e sexualidades urgem ser problematizados na escola atualmente. Vemos a Educação Física como uma disciplina que possui um espaço privilegiado para a abordagem e problematização destas questões de forma crítica e atrelada a mais diversas manifestações de suas práticas educacionais, e respectivos conteúdos. Sendo assim tivemos o intuito de desconstruir relações de gêneros carregadas dos interesses da classe hegemônica de nossa sociedade, intervindo na busca de motivar nossos alunos a não somente notar as injustiças sociais e opressões, nesse caso relativas aos gêneros e as sexualidades, mas também em protagonizar a sua mudança, contribuindo assim para a edificação de uma nova sociedade, onde as mais diversas manifestações humanas, sejam de gêneros, sexualidades, entre tantas outras, sejam respeitadas cada uma em sua originalidade e individualidade, pois somente assim ficaremos tranquilos quanto a todas essas contradições que o capitalismo gera, todas as suas opressões e exclusões, que com muita luta esperamos um dia fazerem parte do passado.

REFERÊNCIAS

BORTOLETO, M.A.C. Introdução à pedagogia das atividades circenses. 1ª edição. Jundiaí: Fontoura, 2008. 272 p.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GOELLNER, S.V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*. Porto Alegre, p. 71-83, Mar. 2010.

SAVIANI, D. Escola e democracia. 32. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 10. São Paulo: Autores Associados, 2008

SOARES, C L. et al. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.